

Carlos Ruiz
Zafón

A SOMBRA
DO VENTO

TRADUÇÃO
Marcia Ribas



Copyright © 2001 by Carlos Ruiz Zafón

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

La sombra del viento

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa

F. Català-Roca. *Corner*. Madrid, 1953 © Photographic Archive F. Català-Roca – Arxiu Històric del Col·legi d'Arquitectes de Catalunya

Preparação

Sheila Louzada

Revisão

Márcia Moura

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ruiz Zafón, Carlos, 1964-
A sombra do vento / Carlos Ruiz Zafón ; tradução
Marcia Ribas. – 2ª ed. – Rio de Janeiro : Suma de
Letras, 2017.

Título original: La sombra del viento.

ISBN 978-85-5651-034-1

1. Ficção espanhola I. Título.

17-02866

CDD-863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura espanhola 863

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/sumadeletrasbr

instagram.com/sumadeletras_br

twitter.com/Suma_BR

*Para Joan Ramon Planas,
que merecia algo melhor*



O CEMITÉRIO DOS LIVROS ESQUECIDOS

Este livro faz parte de um ciclo de romances que se entrecruzam no universo literário do Cemitério dos Livros Esquecidos. Os romances que formam este ciclo estão interligados por personagens e linhas argumentativas que constroem pontes narrativas e temáticas, embora cada um deles ofereça uma história fechada, independente e contida em si mesma.

As diversas partes da série do Cemitério dos Livros Esquecidos podem ser lidas em qualquer ordem ou separadamente, permitindo ao leitor explorar e entrar no labirinto de histórias através de diferentes portas e caminhos que, entrelaçados, o conduzirão ao coração da narrativa.

O CEMITÉRIO DOS LIVROS ESQUECIDOS

Ainda me lembro daquele amanhecer em que meu pai me levou pela primeira vez para visitar o Cemitério dos Livros Esquecidos. Despontavam os primeiros dias de verão de 1945 e andávamos nas ruas de uma Barcelona aprisionada sob um céu cinzento, com um sol de vapor que se derramava na Rambla de Santa Mônica como uma grinalda de cobre líquido.

— Daniel, o que você vai ver hoje, não pode contar a ninguém — advertiu meu pai. — Nem ao seu amigo Tomás. A ninguém.

— Nem à mamãe? — perguntei em voz baixa.

Meu pai deu um suspiro, amparado naquele sorriso triste que o perseguia como uma sombra pela vida.

— Claro que sim — respondeu, cabisbaixo. — Com ela não temos segredos. A ela você pode contar tudo.

Logo depois da guerra civil, um surto de cólera levou minha mãe. Nós a enterramos em Montjuic, no dia do meu quinto aniversário. Lembro apenas que choveu o dia todo e a noite toda e que, quando perguntei a meu pai se o céu chorava, faltou-lhe voz para responder. Seis anos depois, a lembrança dela era para mim como uma alucinação, um silêncio cheio de gritos que eu não tinha aprendido ainda a apaziguar com palavras. Meu pai e eu morávamos em um apartamento pequeno na rua Santa Ana, perto da praça da igreja. Ficava bem em cima da livraria herdada do meu avô, especializada em edições para colecionadores e livros antigos, uma loja encantada que meu pai confiava que algum dia passasse às minhas mãos. Cresci em meio a livros, fazendo amigos invisíveis em páginas que se desfaziam em pó e cujo cheiro ainda conservo nas mãos. Apreendi desde

pequeno a conciliar o sono conversando com minha mãe na penumbra do quarto sobre os acontecimentos rotineiros, o que eu fizera no colégio, o que tinha aprendido naquele dia. Não podia ouvir sua voz nem sentir seu toque, mas sua luz e seu calor inflamavam cada canto daquela casa, e eu, com aquela fé dos que ainda podem contar a idade nos dedos das mãos, achava que se fechasse os olhos e falasse com minha mãe ela me escutaria onde quer que estivesse. Às vezes meu pai me ouvia da sala de jantar e chorava baixinho.

Lembro que, naquela madrugada de junho, acordei gritando. Meu coração batia como se minha alma quisesse abrir caminho no peito e se jogar pela escada. Meu pai apareceu no quarto, assustado, e me segurou em seus braços, tentando me acalmar.

— Não consigo me lembrar do rosto dela. Não consigo me lembrar do rosto da mamãe — murmurei, ofegante.

Meu pai me abraçou com força.

— Não se preocupe, Daniel. Eu lembrarei por nós dois.

Ficamos nos olhando no escuro, procurando palavras que não existiam. Aquela foi a primeira vez que percebi que meu pai estava envelhecendo e que seus olhos, olhos de névoa e de perda, estavam sempre focados em algum ponto atrás. Ele se levantou e abriu as cortinas, deixando entrar a luz morna da madrugada.

— Vamos, Daniel, vista-se. Quero lhe mostrar uma coisa.

— Agora? Às cinco da manhã?

— Algumas coisas só podem ser vistas nas trevas — disse meu pai, com um sorriso enigmático que provavelmente tomara emprestado de algum livro de Alexandre Dumas.

As ruas ainda se desmanchavam entre neblinas e orvalho quando saímos. Os lampiões das Ramblas projetavam, ao piscarem, uma avenida de vapor, enquanto a cidade se espreguiçava, libertando-se de sua fantasia de aquarela. Ao chegarmos à rua do Arco do Teatro, nos aventuramos pela passagem do Raval, então Bairro Chinês, sob uma arcada que prometia uma abóbada de bruma azul. Acompanhei meu pai através daquele estreito caminho, mais cicatriz que rua, até que o brilho da Rambla se esvaiu às nossas costas. A claridade do amanhecer filtrava-se por varandas e tetos em sopros de luz oblíquos que não chegavam a roçar o chão. Finalmente,

meu pai estacou diante de um portão de madeira lavrada, enegrecido pelo tempo e pela umidade. Diante de nós erguia-se o que me pareceu o cadáver de um palácio abandonado, como um museu de ecos e sombras.

— Daniel, o que você vai ver hoje, não pode contar a ninguém. Nem ao seu amigo Tomás. A ninguém.

Um homenzinho com traços de ave de rapina e uma cabeleira grisalha abriu a porta. Seu olhar aquilino pousou em mim, impenetrável.

— Bom dia, Isaac. Este é meu filho, Daniel — anunciou meu pai. — Ele logo fará onze anos e algum dia se encarregará da livraria. Já tem idade para conhecer este lugar.

O tal Isaac nos convidou a entrar com um leve assentir. Uma penumbra azulada cobria todo o interior, insinuando os traços de uma escadaria de mármore e uma galeria de afrescos repleta de figuras de anjos e criaturas fabulosas. Acompanhamos o vigia através daquele corredor palaciano e chegamos a uma grande sala circular, onde uma autêntica basílica de trevas jazia sob uma cúpula esfaqueada por focos de luz que jorravam do alto. Um labirinto de corredores e estantes repletas de livros se erguia da base até a cúspide, desenhando uma colmeia em cuja trama viam-se túneis, escadas, plataformas e pontes que deixavam adivinhar uma biblioteca gigantesca, de geometria impossível. Olhei para meu pai, boquiaberto. Ele sorriu para mim, dando uma piscadela.

— Daniel, bem-vindo ao Cemitério dos Livros Esquecidos.

Salpicando os corredores e as plataformas da biblioteca estava perfilada uma dezena de homens. Alguns se viraram para cumprimentar meu pai, de longe, e reconheci o rosto de vários colegas seus da associação de livreiros de sebo. À luz dos meus dez anos, aqueles indivíduos pareciam uma confraria secreta de alquimistas, conspirando escondidos do mundo. Meu pai se ajoelhou ao meu lado e, sustentando o olhar, me disse, com aquela voz delicada das promessas e confidências:

— Este lugar é um mistério, Daniel, um santuário. Cada livro, cada volume que você vê, tem alma. A alma de quem o escreveu e a alma dos que o leram, que viveram e sonharam com ele. Cada vez que um livro troca de mãos, cada vez que alguém passa os olhos pelas suas páginas, seu espírito se expande e a pessoa se fortalece. Faz já muitos anos que meu pai me trouxe aqui pela primeira vez, e este lugar já era antigo. Quase

tão antigo quanto a própria cidade. Ninguém sabe ao certo desde quando existe ou quem o criou. Estou contando a você o que me contou meu pai. Quando uma biblioteca desaparece, quando uma livraria fecha as portas, quando um livro se perde no esquecimento, nós, guardiões, os que conhecemos este lugar, garantimos que ele venha para cá. Neste lugar, os livros dos quais já ninguém se lembra, os livros que se perderam no tempo, viverão para sempre, esperando chegar algum dia às mãos de um novo leitor, de uma nova alma. Na loja, nós os vendemos e compramos, mas na verdade os livros não têm dono. Cada livro que você vê aqui foi o melhor amigo de um homem. Agora só tem a nós, Daniel. Você acha que pode guardar este segredo?

Meu olhar se perdeu na imensidão daquele lugar, em sua luz encantada. Assenti, e meu pai sorriu.

— E sabe do melhor? — perguntou ele.

Neguei em silêncio.

— É hábito nosso, da primeira vez que alguém visita este lugar, que escolha um livro, aquele que preferir, e que o adote, garantindo assim que nunca desapareça, que se mantenha vivo para sempre. É uma promessa muito importante. Para toda a vida — explicou meu pai. — Hoje, é a sua vez.

Por quase meia hora, perambulei pelos esconderijos daquele labirinto com cheiro de papel velho, pó e magia. Deixei que minha mão roçasse as avenidas de volumes expostos, em uma tentativa de fazer minha escolha. Percebi, entre os títulos apagados pelo tempo, palavras em línguas conhecidas e dezenas de outras que não reconhecia. Percorri corredores e galerias em espiral, repletos de milhares de volumes que pareciam saber mais a meu respeito do que eu sabia deles. Aos poucos, assaltou-me a ideia de que atrás da capa de cada um daqueles livros se abria um infinito universo por explorar e que, fora daquelas paredes, o mundo deixava que a vida passasse em tardes de futebol e em novelas de rádio, satisfeito em ver apenas até onde ia o próprio umbigo e pouco mais. Talvez tenha sido esse pensamento, talvez o acaso ou seu parente elegante, o destino, mas o fato é que naquele mesmo instante percebi que já tinha escolhido o livro que ia adotar. Ou talvez devesse dizer: o livro que me adotaria. Ele se destacava timidamente no canto de uma estante, encadernado em uma

capa cor de vinho e sussurrando seu título em letras douradas que brilhavam na luz projetada pela cúpula no alto. Aproximei-me dele e acariciei as palavras com a ponta dos dedos, lendo em silêncio:

A sombra do vento

JULIÁN CARAX

Nunca tinha ouvido falar daquele título ou de seu autor, mas não liguei. A decisão estava tomada. De ambas as partes. Peguei o livro com muito cuidado e o folhee, deixando que suas páginas adejassem no ar. Liberado de sua cela na estante, o livro exalou uma nuvem de pó dourado. Satisfeito com minha escolha, refiz meus passos no labirinto, levando o volume debaixo do braço, com um sorriso impresso nos lábios. Talvez a atmosfera enfeitada daquele lugar se tivesse incorporado a mim, mas tive certeza de que aquele livro passara anos a fio ali à minha espera, provavelmente desde antes de eu nascer.

Naquela tarde, de volta ao apartamento da rua Santa Ana, refugiei-me em meu quarto e decidi ler as primeiras linhas de meu novo amigo. Antes de perceber, tinha mergulhado completamente no livro. O romance relatava a história de um homem em busca do pai verdadeiro, a quem nunca chegara a conhecer e cuja existência só descobrira graças às últimas palavras da mãe, pronunciadas no leito de morte. A busca se transformava em uma odisseia fantasmagórica em que o protagonista lutava para recuperar sua infância e juventude perdidas e na qual, aos poucos, descobríamos a sombra de um amor maldito cuja memória haveria de persegui-lo até o fim de seus dias. À medida que eu avançava na leitura, a estrutura do relato me lembrou aquelas bonecas russas que contêm inúmeras miniaturas de si mesmas. Passo a passo, a narrativa se estilhaçava em mil histórias, como se o relato percorresse uma galeria de espelhos, sua identidade produzindo dezenas de reflexos díspares e ao mesmo tempo um único. Os minutos e as horas transcorreram como em uma alucinação. Horas depois, aprisionado pelo livro, apenas percebi as badaladas da meia-noite repicando, ao longe, no sino da catedral. Enterrado na luz de cobre que o

abajur projetava, mergulhei em um mundo de imagens e sensações que jamais havia conhecido. Personagens que pareciam tão reais como o ar que respiramos me arrastaram por um túnel de aventura e mistério do qual eu não podia escapar. Página por página, deixei-me levar pelo sortilégio da história e de seu mundo, até que o hálito do amanhecer acariciou minha janela e meus olhos cansados deslizaram pela última página. Deitei-me na penumbra azul da madrugada com o livro sobre o peito e fiquei escutando o som da cidade adormecida pingar sobre os telhados salpicados de púrpura. O sono e a fadiga queriam me derrubar, mas eu resistia. Não queria perder o encantamento da história nem dizer, ainda, adeus aos personagens.

Certa ocasião, ouvi um cliente habitual da livraria de meu pai comentar que poucas coisas marcam tanto um leitor como o primeiro livro que realmente abre caminho até seu coração. As primeiras imagens, o eco dessas palavras que pensamos ter deixado para trás, nos acompanham por toda a vida e esculpem um palácio em nossa memória ao qual mais cedo ou mais tarde — não importa os livros que leiamos, os mundos que descobramos, o quanto aprendamos ou esqueçamos — retornaremos. Para mim, essas páginas enfeitiçadas serão sempre aquelas que encontrei entre os corredores do Cemitério dos Livros Esquecidos.

DIAS DE CINZA
1945-1949

1

Um segredo vale tanto quanto as pessoas de quem temos que guardá-lo. Ao acordar, meu primeiro impulso foi contar sobre a existência do Cemitério dos Livros Esquecidos a meu melhor amigo. Tomás Aguilar era um colega de escola que dedicava seu tempo livre e seu talento a inventar uns aparatos bastante engenhosos, mas de pouca aplicação, como o dardo aerostático e o pião dínamo. Ninguém melhor do que Tomás para dividir comigo aquele segredo. Sonhando acordado, eu imaginava meu amigo e eu munidos de lanternas e bússola, prestes a desvendar os segredos daquela catacumba bibliográfica. Logo, lembrando-me da promessa, decidi que as circunstâncias aconselhavam o que, nos romances de intriga policial, se denomina outro *modus operandi*. Ao meio-dia, abordei meu pai para questioná-lo sobre aquele livro e sobre Julián Carax, que, em meu entusiasmo, tinha imaginado célebres no mundo inteiro. Meu plano era reunir toda a sua obra e lê-la de cabo a rabo em mais ou menos uma semana. Qual não foi minha surpresa ao descobrir que meu pai, livreiro com tradição e bom conhecedor dos catálogos editoriais, nunca tinha ouvido falar de *A sombra do vento* nem de Julián Carax. Intrigado, ele examinou a página com os dados do livro.

— Segundo diz aqui, este exemplar faz parte de uma edição de dois mil e quinhentos exemplares, impressa em Barcelona pela editora Cabestany, em dezembro de 1935.

— Você conhece essa editora?

— Fechou há muitos anos. Mas a edição original não é esta, é uma de novembro do mesmo ano, só que impressa em Paris... A editora é Galliano & Neuval. Não conheço.

— Então é uma tradução? — perguntei, desconcertado.

— Não menciona isso. Pelo que vejo aqui, o texto é original.

— Um livro em espanhol lançado primeiro na França?

— Não será a primeira vez, com os tempos que correm — acrescentou meu pai. — Talvez Barceló possa nos ajudar.

Gustavo Barceló era um amigo de longa data de meu pai, dono de uma lúgubre livraria na rua Fernando, que comandava a nata da associação de livreiros de sebo. Estava permanentemente colado a um cachimbo apagado que soltava eflúvios de mercado persa, e descrevia a si mesmo como o último romântico. Barceló sustentava que na sua ascendência havia um parentesco distante com Lorde Byron, embora fosse natural de Caldas de Montbuy. Talvez na tentativa de ressaltar essa conexão, Barceló se vestia invariavelmente ao estilo de um dândi do século XIX, com fular, sapatos de verniz branco e um monóculo sem grau que, segundo as más línguas, não tirava nem na intimidade do toalete. Na realidade, o parentesco mais significativo de Barceló era o de seu progenitor, um industrial que enriquecera por meios mais ou menos escusos em fins do século XIX. Segundo explicou meu pai, Gustavo Barceló era tecnicamente rico e aquela livraria era mais paixão que negócio. Ele amava os livros sem reservas, de tal maneira que, embora negasse categoricamente, se alguém se apaixonasse por um exemplar de sua livraria cujo preço estivesse além de suas possibilidades, Barceló o rebaixava até quanto fosse necessário, ou mesmo o presenteava, se considerasse que o comprador era um leitor com tradição e não uma mariposa fortuita. Afora essas peculiaridades, Barceló possuía uma memória prodigiosa e um pedantismo que não lhe desmerecia em porte ou sonoridade, mas se havia alguém que sabia a respeito de livros raros, era ele. Naquela tarde, após fechar a loja, meu pai sugeriu que fôssemos até o café Els Quatre Gats, na rua Montsió, onde Barceló e seus comparsas mantinham uma tertúlia bibliófila sobre poetas malditos, línguas mortas e obras-primas à mercê das traças.

O Quatre Gats ficava bem perto de nossa casa e era, de toda a Barcelona, um dos meus lugares preferidos. Ali se conheceram meus pais, em 1932, e em parte eu atribuía meu ingresso na vida aos encantos daquele velho bar. Dragões de pedra vigiavam a fachada encravada em um cruzamento de sombras, e os lampiões a gás congelavam o tempo e as lembranças. Lá dentro, as pessoas se fundiam no eco de outras épocas. Contadores, sonhadores e aprendizes de gênio dividiam a mesa com o fantasma de Pablo Picasso, Isaac Albéniz, Federico García Lorca ou Salvador Dalí. Ali, qualquer pobre coitado podia se sentir uma figura histórica por alguns minutos, pelo preço de um espresso.

— Ora, Sempere, o filho pródigo! — exclamou Barceló ao ver meu pai entrar. — A que devo a honra?

— A honra o senhor deve ao meu filho, Daniel, que acaba de fazer uma descoberta.

— Pois venham se sentar conosco, que esta efeméride precisa ser comemorada.

— Efeméride? — perguntei baixinho a meu pai.

— Barceló fala sempre com palavras extravagantes — respondeu ele, em um sussurro. — Não diga nada, que ele fica zangado.

Os colegas de tertúlia abriram um lugar na roda e Barceló, que gostava de dar uma de interessante, insistiu em nos convidar.

— Que idade o rapaz tem? — inquiriu Barceló, me olhando de esguelha.

— Quase onze anos — declarei.

Barceló sorriu, como se, secretamente, caçoasse de mim.

— Ou seja, dez. Não coloque mais anos, energúmeno, que a vida já se encarregará disso.

Vários dos colegas de tertúlia murmuraram sua concordância. Fazendo sinal para um garçom que, pela aparência, estava à beira de ser declarado monumento histórico, Barceló o chamou para que viesse anotar os pedidos.

— Um conhaque do bom para meu amigo Sempere, e para o rebento, um leite morno, pois precisa crescer. Ah, e traga mais presunto, mas que não seja como o de antes, hein, pois para borracha já temos a Pirelli — rugiu o livreiro.

O garçom assentiu e partiu, arrastando os pés e a alma.

— É o que eu digo — disse Barceló. — Como pode haver trabalho se em nosso país as pessoas não se aposentam nem depois da morte? Veja o Cid. Não há solução.

Ele saboreou seu cachimbo apagado, o olhar aquilino examinando com interesse o livro que eu trazia nas mãos. Apesar da fachada cômica e do falatório, Barceló sabia farejar uma boa presa como um lobo fareja sangue.

— Deixe ver — disse ele, fingindo desinteresse. — Que me trazem vocês?

Dirigi o olhar para meu pai. Ele assentiu. Sem mais preâmbulos, entreguei o livro a Barceló, que o tomou com mão experiente. Seus dedos de pianista rapidamente exploraram a textura, a consistência e o estado. Exibindo seu sorriso florentino, Barceló localizou a página de créditos e a inspecionou com intensidade policial pelo espaço de um minuto. Os demais o observavam em silêncio, como se esperassem um milagre ou a permissão para voltar a respirar.

— Carax. Interessante — murmurou Barceló em tom impenetrável.

Estendi de novo a mão, para recuperar o livro. Barceló franziu o cenho, mas o devolveu com um sorriso glacial.

— Onde o encontrou, rapaz?

— É segredo — retruquei, sabendo que meu pai sorria por dentro.

Barceló franziu a testa e desviou o olhar para meu pai.

— Amigo Sempere, porque é o senhor e por todo o apreço que lhe tenho e em honra à ampla e profunda amizade que nos une como a irmãos, vamos deixar em duzentas pesetas e não se discute mais.

— Isso terá que negociar com meu filho — respondeu meu pai. — O livro é dele.

Barceló me dirigiu um sorriso de lobo.

— Que me diz, rapazinho? Duzentas pesetas não está tão mau para uma primeira venda. Sempere, esse seu filho fará sucesso no ramo.

Os colegas de tertúlia riram da piada. Barceló me olhou satisfeito, sacando sua carteira de pele de animal. Contou as duzentas pesetas, que para aquela época eram uma fortuna, e entregou-me. Eu me limitei a negar em silêncio. Barceló franziu a testa.

— Olhe que a cobiça é pecado mortal, hein? Vamos, trezentas pesetas e você abre uma caderneta de poupança, que já na sua idade é preciso pensar no futuro.

Neguei novamente. Através do monóculo, Barceló lançou um olhar de ira para meu pai.

— Não olhe para mim. Estou aqui apenas como acompanhante.

Barceló suspirou e me observou demoradamente.

— Vamos ver, garoto: o que você quer?

— Quero saber quem é Julián Carax e onde posso encontrar outros livros dele.

Barceló riu baixinho e guardou a carteira, reconsiderando o adversário.

— Puxa vida, um acadêmico. Sempere, o que você dá de comer a este menino?

O livreiro se inclinou na minha direção com ar confidencial, e por um minuto pensei perceber em seu olhar certo respeito que não estava ali momentos antes.

— Faremos um trato — disse ele. — Amanhã à tarde, domingo, você passa na Biblioteca do Ateneo e pergunta por mim. Leve seu livro, para eu poder examiná-lo, e eu lhe conto o que sei a respeito de Julián Carax. *Quid pro quo.*

— *Quid pro* quê?

— Latim, meu jovem. Não existem línguas mortas, apenas cérebros letárgicos. Significa que há coisas que é um disparate misturar, mas simpatizei com você e vou fazer-lhe um favor.

Aquele homem destilava uma oratória capaz de aniquilar moscas em pleno voo, mas suspeitei que, se eu quisesse descobrir algo sobre Julián Carax, era melhor que ficasse em bons termos com ele. Sorri-lhe beatificamente, mostrando meu prazer com os latinismos e com seu verbo fácil.

— Lembre-se: amanhã, no Ateneo — sentenciou o livreiro. — Mas traga o livro, ou não faremos acordo algum.

— Está bem.

A conversa se desvaneceu lentamente nos murmúrios dos demais colegas de tertúlia, desviando-se para a discussão de uns documentos encontrados nos sótãos de El Escorial, que sugeriam a possibilidade de dom Miguel de Cervantes não ter sido senão o pseudônimo literário de uma mulherona peluda de Toledo. Barceló, ausente, não participou do debate bizantino e se limitou a me observar pelo monóculo, com um sorriso velado. Ou talvez olhasse apenas o livro que eu tinha nas mãos.

Naquele domingo, as nuvens fugiram do céu e as ruas descansavam imersas em uma lagoa de neblina ardente que fazia os termômetros das paredes suarem. No meio da tarde, chegando já aos trinta graus, parti rumo à rua Canuda para encontrar Barceló no Ateneo, com meu livro debaixo do braço e uma faixa de suor na testa. O Ateneo era — e continua sendo — um dos diversos locais em Barcelona onde o século XIX ainda não recebeu a notícia de aposentadoria. A escadaria de pedra se erguia do pátio palaciano até o emaranhado fantasmagórico de galerias e salões de leitura, onde invenções como o telefone, a prensa e o relógio de pulso pareciam anacronismos futuristas. O porteiro (ou talvez fosse apenas uma estátua uniformizada) limitou-se a piscar quando entrei. Subi ao primeiro andar, bendizendo as hélices de um ventilador que lançava sussurros entre os leitores adormecidos, derretidos como cubos de gelo sobre seus livros e jornais.

A silhueta de dom Gustavo Barceló se recortava contra as portas de vidro de uma galeria que desembocava no jardim interno do edifício. Apesar da atmosfera quase tropical, o livreiro trajava seu habitual figurino refinado, e o monóculo brilhava na penumbra como uma moeda no fundo de um poço. Notei, ao lado dele, uma pessoa em um vestido de algodão branco, que me pareceu um anjo esculpido em brumas. Ao eco dos meus passos, Barceló se virou na minha direção e fez um gesto para que eu me aproximasse.

— Daniel, certo? Então, trouxe o livro?

Assenti duas vezes e aceitei a cadeira que Barceló colocara junto dele e da misteriosa mulher que o acompanhava. Durante vários minutos o livreiro se limitou a sorrir placidamente, alheio a minha presença. Aos poucos, abandonei a esperança de que me apresentasse a quem quer que fosse a dama de branco. Barceló se comportava como se ela não estivesse ali, como se nenhum de nós dois pudesse vê-la. Observei-a de esguelha, temeroso de encontrar seu olhar, que continuava perdido no vazio. Uma pele muito clara, quase translúcida, cobria-lhe o rosto e os braços. Tinha as feições finas, desenhadas a traço firme sob uma cabeleira negra que brilhava como pedra úmida. Calculei que tivesse vinte anos no máximo, mas

algo em seu porte e na maneira como sua alma parecia cair aos seus pés, como os galhos de um salgueiro, dava-lhe a aparência de não ter idade. Parecia presa àquele estado de perpétua juventude reservado aos manequins das vitrines de luxo. Eu estava tentando ouvir seus batimentos sob aquele pescoço de cisne quando percebi que Barceló me observava fixamente.

— E então, vai me contar onde encontrou esse livro?

— Eu contaria, mas prometi ao meu pai guardar segredo.

— Estou vendo. Sempre e seus mistérios. Já imagino onde. Você teve muita sorte, jovem. A isso eu chamo de encontrar uma agulha em um campo de açucenas. Posso vê-lo?

Estendi-lhe o livro, que Barceló tomou com infinita delicadeza.

— Você já leu, suponho.

— Sim, senhor.

— Que inveja. Sempre achei que o momento certo para ler Carax é quando ainda se tem o coração jovem e a mente limpa. Sabia que este foi o último romance que ele escreveu?

Neguei em silêncio.

— Sabe quantos exemplares como este existem no mercado, Daniel?

— Milhares?

— Nenhum — corrigiu-me Barceló. — Exceto o seu. Todo o restante foi queimado.

— Queimado?

Barceló limitou-se a oferecer seu sorriso hermético, virando as páginas do livro e acariciando o papel como se fosse uma seda única no universo. A dama de branco se virou lentamente. Seus lábios esboçaram um sorriso tímido, trêmulo. Seus olhos apalpavam o vazio, as pupilas brancas como mármore. Engoli em seco. Ela era cega.

— Não conhece minha sobrinha Clara, não é? — perguntou Barceló.

Limitei-me a negar, incapaz de tirar os olhos daquela criatura com cútis de boneca de porcelana e olhos brancos, os olhos mais tristes que eu já vira.

— De fato, a especialista em Julián Carax é Clara, por isso a trouxe — explicou Barceló. — Aliás, pensando bem, acho que, se me dão licença, vou retirar-me para examinar este volume na outra sala enquanto vocês se ocupam de outros assuntos. Está bem?

Olhei-o, atônito. O livreiro, pilantra e alheio às minhas reservas, limitou-se a dar umas palmadinhas nas minhas costas e saiu com o livro debaixo do braço.

— Você o impressionou, sabe? — disse a voz às minhas costas.

Ao me virar, deparei-me com o sorriso delicado da sobrinha de Barceló, esboçado no vazio. Ela tinha voz de cristal, tão transparente e frágil que suas palavras ameaçavam se partir caso eu a interrompesse no meio da frase.

— Meu tio disse que lhe ofereceu uma boa soma pelo livro de Carax, mas que você a recusou — continuou Clara. — Você conquistou o respeito dele.

— Qualquer um recusaria. — Suspirei.

Observei que Clara balançava a cabeça ao sorrir e que seus dedos brincavam com um anel semelhante a uma grinalda de safiras.

— Que idade você tem? — perguntou ela.

— Quase onze anos. E a senhora?

Clara riu de minha inocente insolência.

— Quase o dobro, mas também não é para me chamar de senhora...

— A senhora parece mais jovem — observei, intuindo que aquilo podia ser uma boa saída para minha indiscrição.

— Vou confiar em você, então, porque não sei qual é a minha aparência — retrucou ela, sem abandonar o sorriso enigmático. — Mas, se pareço mais jovem, é mais uma razão para que me trate de “você”.

— Como quiser, srta. Clara.

Observei com cuidado suas mãos abertas como asas sobre o colo, seu corpo frágil insinuando-se nas dobras do vestido, o contorno dos ombros, a extrema palidez de seu pescoço e seus lábios fechados, que gostaria de poder acariciar com a ponta dos dedos. Nunca antes tivera oportunidade de observar uma mulher tão de perto e com tanta precisão, sem medo de seu olhar encontrar o meu.

— O que está olhando? — perguntou Clara, não sem alguma malícia.

— Seu tio disse que a senhora é especialista em Julián Carax — improvisei, com a boca seca.

— Meu tio seria capaz de dizer qualquer coisa para ficar alguns minutos a sós com um livro que o fascine. Mas você deve estar se perguntando como uma pessoa cega pode ser especialista em livros, se não os pode ler.

— A verdade é que isso não me ocorreu.

— Para os quase onze anos, você não mente mal. Tome cuidado, ou acabará como meu tio.

Temendo cometer uma gafe pela enésima vez, limitei-me a permanecer sentado em silêncio, contemplando-a em maravilhamento.

— Venha, aproxime-se — disse Clara.

— Como?

— Aproxime-se, sem medo. Não mordo.

Eu me levantei e fui até onde Clara estava sentada. A sobrinha do livreiro levantou a mão direita, procurando-me com o tato. Sem saber ao certo como proceder, fiz outro tanto e lhe estendi a mão. Ela a segurou com a mão esquerda e, sem dizer nada, ofereceu-me a direita. Compreendi instintivamente o que ela me pedia e guiei sua mão direita até meu rosto. Seu toque era firme e delicado ao mesmo tempo. Seus dedos percorreram minhas faces e meus pômulos. Permaneci imóvel, quase sem me atrever a respirar, enquanto Clara lia minhas feições com as mãos. Ela sorria para si mesma, e notei que seus lábios se entrecerravam, como que murmurando em silêncio. Senti suas mãos roçarem minha testa, meu cabelo e minhas pálpebras. Até que se deteve em meus lábios, contornando-os em silêncio com o indicador e o anular. Seus dedos tinham cheiro de canela. Engoli em seco, notando que meu pulso se acelerava e agradecendo à divina providência o fato de não haver testemunhas oculares para presenciar meu rubor, que teria bastado para acender um charuto a um palmo de distância.

3

Naquela tarde de brumas e garoa, Clara Barceló roubou meu coração, meu fôlego e meu sono. Sob a proteção da luz enfeitiçada do Ateneo, suas mãos escreveram na minha pele uma maldição que haveria de me perseguir anos a fio. Enquanto eu a contemplava maravilhado, a sobrinha do livreiro me narrou sua história e contou como tropeçara, também por acaso, nas páginas de Julián Carax. O acidente se passara em um povoado da Provença. Seu pai, advogado de prestígio vinculado ao gabinete do presidente Companys, havia tido a clarividência de enviar